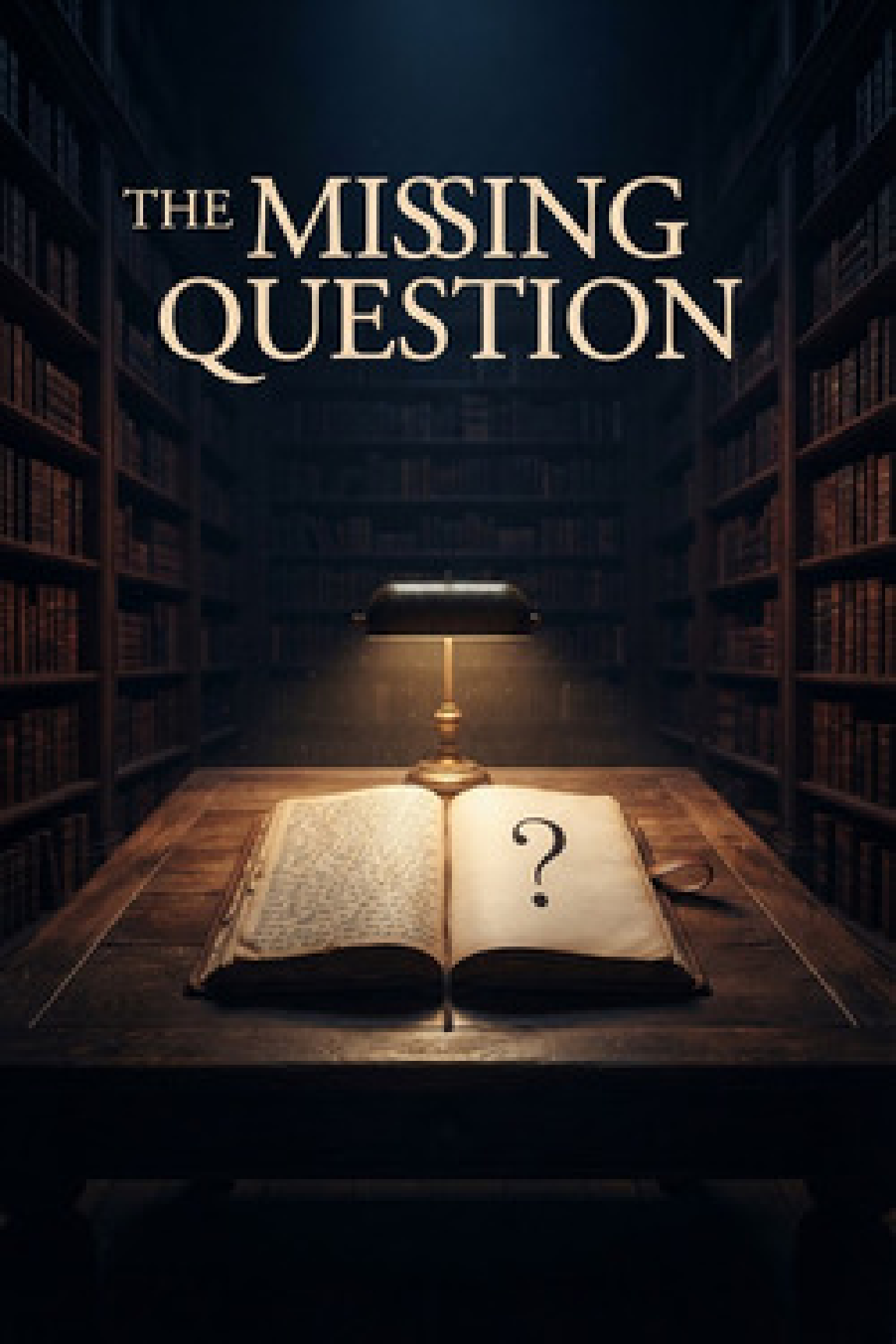

THE MISSING QUESTION
?

PARTE II

LIMIAR 6

A Pergunta Que Faltava

Por grande parte da minha vida persegui respostas.

Como fazem quase todos.

Queria saber qual era a decisão certa.

Qual era o melhor caminho.

Qual era o significado daquilo que estava vivendo.

Queria clareza.

Direção.

Confirmação.

Acreditava que a maturidade consistisse em acumular respostas.

Quanto mais tempo passava, mais eu deveria compreender o seu funcionamento.

Quanto mais experiência acumulasse, menos dúvidas teria.

Era uma teoria elegante.

O problema era que a vida parecia ignorá-la completamente.

Os anos passavam.

A experiência crescia.

As responsabilidades aumentavam.

E no entanto as perguntas não diminuíam.

Ao contrário.

Tornavam-se mais profundas.

Mais complexas.

Mais difíceis.

Foi uma descoberta desestabilizadora.

Quando menino imaginava os adultos como pessoas que tinham entendido.

Depois tornei-me adulto.

E descobri que muitos de nós tínhamos simplesmente aprendido a conviver com a incerteza.

Não é a mesma coisa.

Existe uma diferença enorme entre saber e continuar.

Muitos continuam.

Poucos sabem de verdade.

Lembro-me de um período em que procurava respostas em toda parte.

Nos livros.

Nas organizações.

Nas viagens.

Nas pessoas mais experientes.

Na espiritualidade.

Na racionalidade.

Nos números.

Acreditava que existisse, em algum lugar, uma explicação capaz de organizar tudo.

Uma fórmula.

Uma chave.

Um sistema.

Mas cada vez que pensava tê-la encontrado, chegava uma nova experiência para pô-la em questão.

No início era frustrante.

Depois tornou-se interessante.

Por fim tornou-se libertador.

Porque compreendi algo.

As respostas têm uma vida breve.

As perguntas certas têm uma vida longa.

Muito longa.

Algumas nos acompanham por décadas.

Quem sou eu?

O que importa de verdade?

O que significa amar?

Pelo que vale a pena sofrer?

O que resta quando tudo muda?

Não são perguntas para resolver.

São perguntas para habitar.

A diferença é substancial.

Uma resposta fecha.

Uma pergunta abre.

E a vida, no fundo, prefere as aberturas.

Cada vez que atravessava uma nova experiência, percebia que o valor não estava tanto na conclusão alcançada.

Estava na interrogação que tinha gerado.

Uma perda gera uma pergunta.

Um amor gera uma pergunta.

Uma doença gera uma pergunta.

Uma vitória gera uma pergunta.

Até o sucesso gera uma pergunta.

Muitas vezes muito mais difícil do que o fracasso.

Porque depois de ter obtido algo, apresenta-se uma interrogação inesperada:

“E agora?”

Por anos eu acreditara que o sentido das coisas estivesse escondido nas respostas.

Depois comecei a notar uma coincidência curiosa.

As pessoas mais interessantes que encontrava eram também as menos seguras.

Não eram indecisas.

Eram abertas.

Entendiam que a realidade é mais vasta do que as próprias convicções.

Mais complexa do que os próprios esquemas.

Mais rica do que as próprias conclusões.

Por isso continuavam a fazer perguntas.

Não por fraqueza.

Por inteligência.

A inteligência autêntica não consiste em possuir muitas respostas.

Consiste em reconhecer quais perguntas ainda merecem ser feitas.

Ao longo da minha vida, visitei países diferentes.

Culturas diferentes.

Religiões diferentes.

Sistemas diferentes.

Cada lugar possuía respostas diferentes.

E no entanto as perguntas fundamentais eram quase sempre idênticas.

Como viver.

Como amar.

Como enfrentar a morte.

Como conviver com o tempo.

Como encontrar um significado.

Isto me impressionou profundamente.

Porque mostrava algo universal.

As civilizações mudam de linguagem.

As perguntas essenciais não.

Talvez seja justamente por isso que a ficção sobrevive.

Porque não oferece soluções.

Oferece explorações.

Um romance não serve para resolver a vida.

Serve para iluminar uma pergunta.

E uma boa pergunta pode acompanhar uma pessoa por anos.

Melhor do que muitas respostas.

Lembro-me de um dia em que me vi refletindo sobre todas as certezas que tinha abandonado.

Eram numerosas.

Muitas tinham governado longos períodos da minha existência.

Algumas tinham sido úteis.

Outras menos.

Mas todas tinham cedido o lugar a algo mais maduro.

A consciência de que a realidade não é um tribunal.

É uma conversa.

Uma conversa infinita entre aquilo que sabemos e aquilo que ignoramos.

Entre aquilo que compreendemos e aquilo que nos escapa.

Entre aquilo que fomos e aquilo que estamos nos tornando.

A partir daquele momento deixei de tratar as dúvidas como inimigas.

Comecei a considerá-las companheiras de viagem.

Nem todas as dúvidas merecem atenção.

Algumas são ruído.

Algumas são medo.

Algumas são simples confusão.

Mas há outras.

Mais profundas.

Mais silenciosas.

Mais sinceras.

Aquelas que continuam a voltar.

Aquelas que batem à porta da consciência ano após ano.

Aquelas que pedem para ser escutadas.

Aprendi a respeitá-las.

Porque muitas vezes guardam algo importante.

Uma transformação.

Uma verdade.

Uma direção.

Uma parte de nós ainda inexplorada.

Olhando para trás, já não me impressiono com as pessoas que têm uma resposta para tudo.

Interessam-me mais as que sabem fazer uma pergunta autêntica.

Porque uma resposta pode esgotar-se.

Uma pergunta pode gerar uma vida inteira.

Talvez esta seja uma das lições mais preciosas que o tempo me deixou.

Não procure apenas a resposta.

Procure a pergunta que a gerou.

Porque por trás de cada convicção significativa.

Por trás de cada mudança real.

Por trás de cada escolha importante.

Por trás de cada história que merece ser contada.

Existe sempre uma pergunta invisível.

E é ali que começa a viagem.

Muito antes da resposta.